

## **Duvidando da cidade: uma experiência pedagógica de leituras e apropriações do espaço urbano contemporâneo**

### **Doubting the city: a pedagogical experience of readings and appropriations of contemporary urban spaces**

### **Dudando de la ciudad: una experiencia pedagógica de lecturas y aprobaciones del espacio urbano contemporáneo**

*Ricardo Luis Silva. Doutor em Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Senac. São Paulo, Brasil.*

*E-mail: ricardo.lsilva@sp.Senac.br*

#### **Resumo**

Este artigo apresenta uma experiência pedagógica gestada e desenvolvida dentro do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Senac, nas disciplinas chamadas "Projetos Integradores", que tratam da cidade e das relações entre seus habitantes e os espaços urbanos. Essas disciplinas propõem aos alunos apensar, refletir, e experimentar a cidade e todas as suas contradições. Experiências amparadas em conceitos como o caminhar, o corpo, o cotidiano, a alteridade. Mais do que relatos de tais práticas pedagógicas com seus heterogêneos resultados (que em essência são pouco relevantes para a reflexão proposta), o que se pretende com este artigo é apresentar uma possível cartografia pedagógica, buscando com os alunos um pensamento crítico mais subjetivo e incorporado que poderia se tornar uma compreensão de realidade cotidiana e uma consciência propositiva de uma cidade plural e dissensual.

**Palavras-chave:** Alteridade urbana; Ensino de arquitetura; Psicogeografia.

### Abstract

This article presents a pedagogical experience gestated and developed within the course of Architecture and Urbanism of the Centro Universitário Senac, in the disciplines called "Integrative Projects" that deal with the city and the relations between its inhabitants and urban spaces. Disciplines that propose to the students that they think, that reflect, that they experience the city and all its contradictions. Experiences based on concepts such as walking, body, everyday life, otherness. More than reports of such pedagogical practices with their heterogeneous results (which in essence are of little relevance to the proposed reflection). The propose of this paper is to present a possible pedagogical cartography, seeking together with the students a more subjective critical thinking and incorporated that could become an understanding of everyday reality and a propositive consciousness of a plural and dissensual city.

**Keywords:** Urban otherness; Architecture teaching; Psychogeography.

### Resumen

Este artículo presenta una experiencia pedagógica gestada y desarrollada dentro del curso de Arquitectura y Urbanismo del Centro Universitario Senac, en las disciplinas llamadas Proyectos Integradores. Disciplinas que tratan de la ciudad y de las relaciones entre sus habitantes y los espacios urbanos que proponen a los alumnos que piensen, que reflexionen, que experimenten la ciudad y todas sus contradicciones. Experiencias amparadas en conceptos como el caminar, el cuerpo, el cotidiano, la alteridad. Más que relatos de tales prácticas pedagógicas con sus heterogéneos resultados (que en esencia son poco relevantes para la reflexión propuesta), lo que se pretende con este artículo es presentar una posible cartografía pedagógica, buscando en conjunto con los alumnos un pensamiento crítico más subjetivo e incorporado que podría convertirse en una comprensión de realidad cotidiana y una conciencia propositiva de una ciudad plural y disensual.

**Palabras clave:** Alteridad urbana; Enseñanza de arquitectura; Psicogeografía.

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Invertem-se os caminhos. Um dos desejos e perspectivas de qualquer investigação intelectual/científica que se leve a cabo no âmbito acadêmico, é de que as questões que foram levantadas, organizadas, consideradas e sintetizadas, durante e ao fim de sua execução, sejam absorvidas pelo corpo intelectual/científico composto de seus respectivos pares, próximos e distantes. Talvez o objetivo mais enaltecido em qualquer pesquisa e investigação de qualquer gênero, seja exatamente o momento no qual, tudo o que foi pesquisado seja incorporado nas práticas e cotidianos de outros que também tratam, em algum nível, daquilo que foi pesquisado inicialmente. Ver uma descoberta, uma análise, uma maneira, uma reflexão, uma conclusão de qualquer espécie sendo utilizada pelos outros, talvez seja o resultado mais satisfatório que um pesquisador que se propôs a manipulá-la possa esperar como “encerramento” do tempo dedicado à pesquisa.

O que será apresentado aqui não só poderá ter o fim mencionado anteriormente, mas também, se caracterizará especificamente por ter servido de ponto de partida para a investigação da hipótese da tese de doutorado do autor. Com os papéis invertidos, as práticas pedagógicas, que serão apresentadas a seguir, formaram um campo seminal de especulações e experimentações para o que, posteriormente se configurou como hipótese, a partir da tese de doutorado, a incorporação do Trapeiro como forma de leitura e apropriação dos espaços urbanos contemporâneos. Uma prática pedagógica que resultou em uma intenção investigativa de cunho científico, teórico e conceitual.

Mas, pelo fato de ambas ocorrerem, em determinado momento simultaneamente, a prática pedagógica (“matriz”) e a investigação científica (“filial”) contaminaram-se uma com a outra. A prática pedagógica originou a investigação científica e a alimentava com questões diversas; e, ao mesmo tempo, a investigação científica, conforme sua estruturação e seu aprofundamento em questões teóricas e conceituais, também alimentava os procedimentos pedagógicos instalados em sala de aula.

As práticas pedagógicas apresentadas e descritas a seguir foram, são e serão o começo, o meio e o fim das especulações e experimentações a que se propõe toda a investigação e o discurso colocados na hipótese da tese de doutorado já mencionada. E, neste momento, já não é possível distinguir de onde surgiram várias das questões percorridas neste trabalho: nas práticas ou na investigação? O que se exercita, efetivamente, nas práticas pedagógicas está presente em algum dos fragmentos da tese, e vice-versa. É um processo constante de retroalimentação e retrocontaminação.

<sup>1</sup> Este artigo é parte integrante da tese de doutoramento do autor, defendido em 2017 no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Foi orientado pela prof. Dra. Maria Isabel Villac, com o título “Elogios à inutilidade: a incorporação do Trapeiro como possibilidade de apropriação e leitura da Cidade e sua alteridade urbana”. O desenvolvimento da pesquisa foi apoiado pelo Instituto Presbiteriano Mackenzie com a concessão de bolsa integral de incentivo acadêmico.

Tais práticas pedagógicas ocorrem em três disciplinas sequenciais do módulo introdutório do curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário SENAC, desde 2013: Projeto Integrador I: Teorias de Cidade, Projeto Integrador II: Cidade – Espaços Públicos, Projeto Integrador III: MetrÓpole – Leituras Urbanas.

## UM PRÓLOGO

Uma das peculiaridades de todos os cursos de graduação no Centro Universitário Senac é a existência de uma linha específica e contínua de disciplinas em suas grades curriculares regulares, chamadas “Projetos Integradores”.

De acordo com as diretrizes da Instituição, a existência dessa disciplina em todos os semestres letivos de todos os cursos, coloca em evidência a premissa de integração e experimentação de todos os conteúdos ministrados horizontalmente durante o semestre. Em outras palavras, o componente curricular “Projeto Integrador” apresenta-se ao estudante como um campo de experimentações práticas dos conteúdos apreendidos nas demais disciplinas durante aquele semestre letivo.

[...] visando garantir uma relação dialética entre a teoria e a prática, por intermédio da integração entre ensino-pesquisa-sociedade-mundo do trabalho [...] todos os cursos de graduação [do Centro Universitário Senac] contemplam os Projetos Integradores em seus currículos, que definem e orientam todos os demais componentes curriculares. [...] eles organizam os currículos, articulando os componentes de cada etapa/semestre, criando campo para construção de significados que favoreçam o desenvolvimento das competências correspondentes. São, portanto, desenvolvidos ao longo do curso, oportunizando espaços de aprendizagem fundamentada na articulação interdisciplinar e no trabalho colaborativo, além de materializar a integração das três dimensões formativas [aprendizado-crítica-sociedade] que orientam a organização curricular dos cursos de graduação (GT Revisão Projeto Pedagógico, 2015, p. 25-26).

Por exemplo, um estudante do curso de Publicidade e Propaganda do terceiro semestre que estuda “Ciência da linguagem”, “Criação publicitária”, “Comunicação e expressão”, “Teoria das mídias” etc., aplica os conhecimentos apreendidos em cada uma delas no “Projeto Integrador: Mídias Impressas”, de forma prática na produção editorial completa de uma revista temática, em uma simulação de um exercício real da profissão.

Mas, como se sabe, esse espaço de integração e experimentação dos conteúdos apreendidos já ocorrem, ou espera-se que ocorram, “naturalmente” nos semestres de um curso de Arquitetura e Urbanismo. Esses espaços são as disciplinas de Projeto de Arquitetura e de Desenho/Planejamento Urbano. Em todos os semestres, pelo menos nas instituições que adotam o sistema semestral e de compartimentação do conhecimento disciplinar, os estudantes de Arquitetura e Urbanismo experimentam e simulam o exercício da profissão

em projetos arquitetônicos e urbanos, utilizando, conseqüentemente, os conhecimentos apreendidos nas demais disciplinas em curso e já cursadas.

Por conta da eminente duplicação desse tipo de espaço pedagógico, a solução encontrada no projeto político-pedagógico do curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo (BAU), a fim de respeitar a diretriz institucional, foi transformar as disciplinas “Projeto Integrador” em

[...] elementos centrais para a abordagem de temas transversais na medida em que promovem as interfaces com as questões sociais, culturais e ambientais emergentes, portanto, historicamente situados. (GT Revisão Projeto Pedagógico, 2015, p. 52)

[O Projeto Integrador] Atua, ainda, como suporte teórico e metodológico aos demais componentes, fomentando a leitura, a troca de informações e a produção de conhecimento coletivo, promovendo atividades práticas, de vivência e experimentais (GT Revisão Projeto Pedagógico, 2015, p. 30).

Conseqüentemente, os componentes curriculares “Projeto Integrador” (do I ao VIII), no curso de BAU, estão inseridas na unidade de conhecimento “Teoria e História”, o que faz delas campos pedagógicos híbridos: espaços na estrutura curricular dedicados à experimentações e reflexões teóricas, simultaneamente. Experimentar e Pensar, contaminados um pelo outro.

Com essa diretriz interna, o Projeto Político-pedagógico do BAU propõe então a divisão das oito disciplinas de “Projeto Integrador” (PI) em quatro momentos (os chamados cenários): “1º Ano – Cidade, 2º Ano – Metrópole, 3º Ano – Patrimônio, 4º Ano – Fluxos” (2015, p. 30-32). Além disso, por conta da complexidade inerente à progressão curricular, cada um dos oito PI’s foi batizado com uma especificidade; no caso das disciplinas apresentadas neste artigo: PI 1 é batizado de “Teorias de Cidade”, PI 2 como “Espaços Públicos” e PI 3, de “Leituras Urbanas”.

De acordo com o Projeto Pedagógico do curso (GT Revisão Projeto Pedagógico, 2015, p. 30, grifo do autor), os PI’s 1 e 2 têm como desafio geral:

A cidade como referência de estudo inicial no processo de construção do conhecimento aplicado a transformação do espaço, traz como experiência as relações entre os alunos na posição de habitantes e usuários das cidades com suas peculiaridades e características inerentes a cada exemplo pessoal e permite a ele compreender a dimensão e a importância do conceito de Urbanismo neste contexto. Esse desafio permite colocar como premissa para a elaboração do raciocínio de transformação espacial e necessidade de entendimento do urbano como espaço coletivo onde as relações entre as pessoas ocorrem independente do caráter pessoal ou de proximidade, onde todos os envolvidos no processo de transformação fazem parte do organismo vivo e em constante mutação de forma involuntária e muitas vezes imperceptível. A percepção do contexto da cidade permite uma postura crítica em relação à atuação do arquiteto e urbanista em todas as escalas do projeto e das conseqüências dessa atuação.

Já o PI 3 (seguido do PI 4), tem como desafio geral:

[...] um aprofundamento no tema do urbanismo e do espaço construído, aumentando a escala de abordagem no sentido em que passa a propor uma intervenção espacial, característica estrutural do desenvolvimento do curso. Após tratar de questões relativas ao conceito de cidade e cidadania, o panorama da complexidade que envolve a metrópole e os aspectos definidores do tema, os alunos passam a analisar e trabalhar com uma problematização em nova escala e velocidade. *O tempo passa a ser menor tendo em vista as constantes transformações, ao passo que as questões de deslocamento tendem a ser mais demoradas e difíceis.* Nesse contexto, transformar o espaço desde a sua matriz mais simples até os grandes empreendimentos, comuns a essa escala de cidade, passa a ser o desafio de formação do arquiteto contemporâneo, para quem as *transformações das grandes cidades* não fazem parte de um futuro a ser analisado e sim *de uma bagagem estudada* e que carece, como sempre, de uma visão de médio e longo prazo, o que, no entanto, não impede a sua atuação imediata. A consciência da necessidade de *entender a escala da cidade* não exime o profissional da compreensão e da *capacidade de atuação na escala mais imediata* (GT Revisão Projeto Pedagógico, 2015, p. 30-1, grifos do autor).

Ao ser contratado pela instituição, no início de 2013, para atuar nas disciplinas de PI, recebi a orientação de estruturar as três disciplinas iniciais (1, 2 e 3), compreendendo a diretriz curricular da instituição, a estratégia adotada pelo curso e as premissas indicadas anteriormente. Além disso, como mencionado, os componentes curriculares PI's são híbridos, o que lhes fornece uma característica ímpar de abertura na forma de atuação e aplicação daquelas diretrizes e premissas. Meu papel como professor dessas disciplinas, apoiado e amparado pela coordenação do curso, foi compreender tais dinâmicas e estabelecer um método pedagógico<sup>2</sup> baseado em um tripé conceitual fundamental: reconhecer, adentrar e incorporar a cidade, tanto simbólico e conceitualmente quanto corporal e empiricamente.

A partir disso, cada uma das três disciplinas foi estruturada tendo como ponto gerador uma das pontas desse tripé: PI 1 – reconhecer a Cidade, PI 2 – adentrar a Cidade, PI 3 – incorporar a Cidade (Cidade será sempre grafada com “C” maiúsculo, como indicação da Cidade como noção abstrata, como A cidade).

### OS TRÊS PI'S, UMA ÚNICA DISCIPLINA

Os “Projetos Integradores” em questão, especificamente PI's 1, 2 e 3, estão alocados nas grades dos três períodos iniciais do curso, momento considerado por isso, introdutório e abrangente. Com carga horária semanal de 2 horas/aula (efetivamente uma hora e quarenta minutos) distribuídas em 18 semanas (totalizando 36 horas/aula), as três disciplinas foram entendidas e estruturadas

<sup>2</sup> Método amparado em amplas leituras da pedagogia de Paulo Freire e Jean Piaget, da psicanálise de Sigmund Freud, da Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty e Gaston Bachelard, dos rizomas de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

como uma grande disciplina dividida em três momentos distintos, mas sempre amarrados. Se as três disciplinas tratam, gradativamente, da compreensão e envolvimento do estudante com a cidade, não haveria motivos para elas não serem consideradas como uma única entidade, ainda mais elas sendo ministradas pelo mesmo professor. Por isso, elas serão doravante chamadas simplesmente de “PI Cidade”.

Essa única disciplina, portanto, foi estruturada a partir de algumas premissas e métodos pedagógicos fundamentais e desencadeadores de toda e qualquer ação pontual dentro dela: as pedagogias do oprimido (1987) e da autonomia (1996) de Paulo Freire; o entendimento do corpo como receptáculo, catalisador e agenciador de experiências; a preferência pelo “aprender do estudante” em vez do “ensinado pelo professor”; o saber heterogêneo amparado na subjetividade da vida humana; uma aproximação exploratória entre arte, ciência e conhecimento; a construção de ambiente para amplo debate e reflexões; preocupação constante com a intersubjetividade entre os estudantes; um exercício dialético entre o fazer e o pensar, sempre rebatidos em explorações de técnicas de representação tanto verbal como visual, sonora e/ou audiovisual.

Enfim, mais do que um espaço de transmissão de um conhecimento técnico, histórico ou teórico, a disciplina “PI Cidade” constitui-se como um ambiente propício para a formação do estudante/indivíduo como um sujeito.

### **MAPAS DAS PRÁTICAS<sup>3</sup>**

Para apresentar cada uma das partes da disciplina “PI Cidade”, consideradas dessa forma por conta da organização institucional, será necessário percorrer primeiramente cada um de seus respectivos mapas.

Estruturados genericamente como um acordo, um contrato, uma divulgação das intenções pedagógicas e previsões das atividades diárias que o professor pretende assumir na disciplina com seus alunos, o plano de ensino pode também ser entendido como um “plano”, um mapa, uma cartografia pedagógica que revela os territórios e os percursos pelos quais se pretende caminhar durante as aulas e os semestres.

Em PI, tais mapas indicam o discurso, as características e os cuidados que deve-se ter durante a caminhada e são constantemente revisitados durante o transcorrer dos semestres como forma de situar e manter os estudantes conscientes dos “lugares” já percorridos e os ainda por percorrer.

Por esses motivos serão aqui explicitados e comentados cada um dos três mapas que configuram e indicam os caminhos pedagógicos, os quais podem levar aos objetivos pretendidos. Os mapas serão acompanhados por alguns exemplos de resultados obtidos com os estudantes nas atividades propostas.

---

<sup>3</sup> Para um aprofundamento e maiores detalhes sobre cada um dos planos de ensino mencionados, acessar o capítulo D-1 da tese de doutorado do autor, disponível em: <<http://www.issuu.com/trapeirocontemporaneo>>. Acesso em: 3 mar. 2018.

Esses resultados não são, e não deverão ser, analisados como um produto ou uma resposta às demandas colocadas durante o percurso, mas considerados como uma expressão congelada no tempo e em profunda constituição, que só poderia ser avaliada após um longo período de sedimentação, maturação e incorporação da experiência em cada um dos estudantes. E essa avaliação teria que considerar todas as características peculiares de cada indivíduo, e ser, em grande parte, subjetiva e parcial. Afinal, a construção autônoma e consciente de uma reflexão sobre qualquer assunto que seja já é, por si só, suficiente e satisfatória dentro do processo de constituição do sujeito que se pretende, não cabendo a um agente externo mensurar e quantificar tais reflexões. Por isso, as imagens que acompanham os mapas pedagógicos são ilustrações do que vem sendo produzido nesses anos de aplicação da proposta. Ilustrações de qualidade, sem dúvida, elaboradas por estudantes de arquitetura e urbanismo descobrindo caminhos pelo pensar, pelo refletir, pelo questionar-se e constituir-se. Espelhos de um processo. Processo de encarar a profissão, a sociedade, a cidade, a individualidade, a própria subjetividade. Processos para deixar de ser um e tornar-se outro.

### PI 1 - Projeto Integrador I: Teorias de Cidade

Considerada a primeira parte da trilogia do PI Cidade, a disciplina PI 1 configura-se como um momento introdutório, um espaço de acolhimento e convite. Os estudantes ingressantes mostram-se bastante condicionados a um processo passivo de ensino, no qual, o funcionamento do aprendizado se restringe ao sentar e receber a informação/conhecimento. Outro condicionamento importante é a noção generalizada e superficial acerca do “pensar sobre” como uma estrutura “chata”, “inútil”, “difícil”. O objetivo da disciplina é, portanto, (re)construir no cotidiano dos estudantes o questionar-se sobre o já conhecido, dos elementos mais ordinários e cotidianos aos mais paradigmáticos e “absolutos”. O “parar para pensar”, a dúvida colocada com o “por que é assim?”. A disciplina propõe uma ação constante do “pensar”, do desmontar e remontar as verdades tão enraizadas em cada um dos estudantes.

Para isso, a cidade é utilizada também como elemento magnético e experimental para o “fazer pensar”. Durante todo o semestre são colocados sobre a Cidade questionamentos ordinários e extraordinários; a mais interessante e repetida: “O que é a Cidade?”.

A partir do que Cacciari (2010, p. 9) considera sobre o conceito de Cidade,

Uma vez que não faz muito sentido falar de cidade em sentido geral, é bom começar por fazer alguns esclarecimentos do ponto de vista histórico-terminológico. A cidade enquanto tal não existe. Existem diferentes e distintas formas de vida urbana. Não é por acaso que o termo “cidade” pode ser dito de diferentes maneiras.

estabelecemos, professor e estudantes, tentativas de definir “cidade”.

Tentativa sempre frustrada, “cidade” é, então, construída como noção. O que entende e se discute nas sequências das aulas são os vários momentos da



cidade na história e o que se apresenta como “cidade” vai sofrendo alterações, ajustes, subversões. “Cidade” é encarada de maneiras diferentes, por conta de momentos políticos, sociais e/ou culturais distintos no decorrer da história, principalmente no Ocidente (escolhido como recorte).

Para dar sentido e resposta ao que se pretende na ementa da disciplina, especificamente a “percepção espacial da complexidade urbana”, a “possibilidade de leitura que a paisagem oferece como referência” e a “apropriação contextualizada”, os estudantes são convidados a transformar aquela pergunta inicial, “O que é cidade?”, em uma outra questão aberta e indefinida, “O que pode ser cidade?”, ou então “O que faz cidade?”. Com essa mudança na pergunta, os estudantes abrem caminhos pela cidade e reconhecem que existem várias possíveis maneiras de responder tal questão. E, melhor, respostas sempre certas, pois na noção de cidade já não se consideram verdades absolutas.

Revela-se, então, a compreensão de que a resposta sempre será parcial (entendido como fragmento e como parte interessada) e sua forma de representação aceita também infinitas possibilidades. O espaço urbano pode ser “muito mais que carros, ruas, pessoas, edifícios e áreas verdes”. E para ampliar os olhares sobre tais possíveis representações, reforçando o caráter heterogêneo da ação, são apresentados alguns autores e artistas que tratam do assunto: a professora e arquiteta Raquel Rolnik, com seu texto “O que é cidade” (1995); o sociólogo Richard Sennet, com o livro “Carne e Pedra” (2001); o historiador de arquitetura Camillo Sitte e seu texto “A construção das cidades segundo seus princípios artísticos” (1992); a jornalista Jane Jacobs, com “Morte e Vida nas grandes cidades” (2000); o arquiteto e professor Angelo Bucci, com “São Paulo, razões de arquitetura: da dissolução dos edifícios e de como atravessar paredes”; os filmes “Nina”, de Heitor Dhália (2004), e “Medianeras” de Gustavo Taretto (2011); os músicos Paulinho da Viola (Sinal Fechado, 1974) e Arnaldo Antunes (Na massa, 2001); os artistas Hermann Pitz (55 mil listas telefônicas, 2002), Jackson Pollock (Number eight, 1949, sob o olhar curioso, criativo e crítico de Giulio Carlo Argan), Madelon Vriesendorp (Object Archive. The city, 2008) e Rivane Neuenschwander (Continente-nuvem, 2008).

Como construção narrativa dos debates ocorridos em sala e aproveitando-se das referências dos olhares heterogêneos, os estudantes elaboram um caderno feito manualmente, batizado de “quadrado” (21 x 21 cm), no qual inserem representações possíveis para cada questão levantada em sala, traduções livres e expressivas sobre temas muitas vezes profundos, como semelhança/diferença, poderes sociais e políticos, trabalho/ócio, capital, mercado, valor, multidão, solidão e restos urbanos (humanos e espaciais).

As técnicas de representação disponíveis são condicionadas à fotografia e à colagem. A primeira por estabelecer um olhar instrumentalizado, exigindo do estudante, como ato mínimo, um pensar prévio. A colagem é resgatada como ferramenta importante de composição, pois solicita do estudante a construção visual por meio de fragmentos de outras imagens, evitando as fugas e bloqueios gerados pela dificuldade do desenho. No entanto, a colagem resgata, indiretamente, a noção de repertório de coleção, tão importantes na formação

do arquiteto e urbanista. Além disso, a construção de imagens por meio de colagens que representem “cidades” faz pensar sobre a própria produção das cidades não mais em uma grande unidade, mas sim em fragmentos (aproximando-se de Colin Rowe e sua Collage City).

Aos poucos, os estudantes vão ampliando os olhares sobre a vida urbana, estabelecendo novas relações e equilíbrios entre valores, formas de percepção, sutilezas e tensões. A complexidade inerente à cidade vai se revelando e sendo incorporada sensivelmente. A diversidade e heterogeneidade da vida urbana vai se configurando e fazendo sentido. Os grandes pensamentos sobre a cidade vão se aproximando dos pensamentos menores, suas hierarquias se misturam e se confundem. Uma viela, uma marquise, um escadão<sup>4</sup> ganham a mesma dedicação reflexiva que um parque movimentado ou uma rua comercial. As fisionomias urbanas se desprendem do meramente exótico ou ordinário, configuram-se como material de interesse. Os trapos vão sendo reconhecidos e desmistificados, são aproximados. O uso urbano vai se reativando, o corpo resensibilizando.

Como atividade final do semestre, os estudantes produzem um vídeo de até 8 minutos, representando uma “nova cidade” de São Paulo, configurada agora por olhares mais sensíveis, atentos, críticos e desconfiados. Uma cidade (re)conhecida, onde se misturam medos e seduções, certezas e incertezas, meu e seu, violência e solidariedade, apatia e indignação. Contradições essenciais para pensar, desenhar, viver a cidade.

<sup>4</sup> Em São Paulo, as escadarias configuradas como continuação e prolongamento da rede de circulação urbana, ganham o nome popular de “Escadão”.

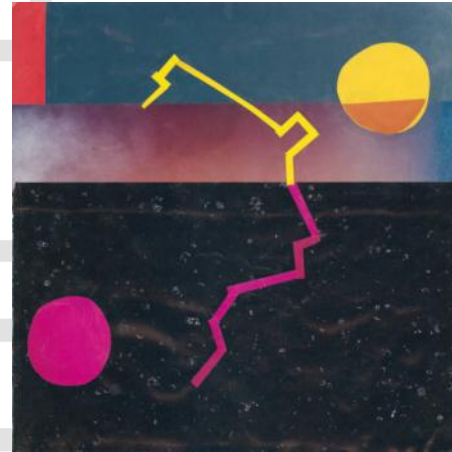


Figura 1: Fotografia da aluna Clarissa Moutella (O Pipoqueiro).

Figura 2: Colagem da aluna Camila Campos (Seus Olhares).

Figura 3: Fotografia da aluna Jessica Pelegrinelle (Entre Fatos IV).

Figura 4: Mapa/colagem do aluno Henrique Reis (Casa x Senac).

Figura 5: Colagem das alunas Natasha Venegas e Gabriela Caetano (Todos iguais).

Figura 6: Fotografia das alunas Larissa Tozo e Caroline Assunção (Sem título - Espaço Cultural).

## PI 2 - Projeto Integrador II: Cidade - Espaços Públicos

Disciplina ainda entendida como introdutória, continua-se o movimento estabelecido no PI anterior, apenas acrescentando elementos e dando profundidade à relação estabelecida entre o estudante e a cidade. O PI 2 tem como função principal estabelecer um contraponto à perspectiva mais reflexiva e de (re)conhecimento da cidade como ideia, gerando um movimento pendular no qual, o outro extremo é a experimentação corporal dos conceitos e noções apresentados.

Nesse PI solicita-se ao estudante que adentre à cidade, “atravesse a soleira”, como propôs Roberto DaMatta (1986), vá para a rua, lugar do contato primordial do público com o privado, do indivíduo doméstico e protegido com o vazio urbano, com o desconhecido e com o outro. O que se espera agora não é apenas a reflexão e o questionamento, mas a percepção *in loco* de alguns conceitos estruturadores do espaço urbano: a alteridade (ou falta dela), o cotidiano e o tempo.

É importante salientar que a discussão sobre o que é (ou pode ser) considerado espaço público não está presente nesta disciplina, pois o assunto é tratado na disciplina do mesmo semestre: “Teorias do Urbanismo”. O que se coloca como questão em PI 2 é a relação utópica que a sociedade capitalista estabeleceu com o conceito de espaço público e, como consequência, a dificuldade em estabelecer limites mínimos entre o que poderia ser público ou coletivo, livre ou semi-público, e o privado. O que presenciamos nesse início de século XXI é uma gradação de níveis de privatização do espaço, por isso nunca se aproxima, plenamente, daquilo que entendemos como espaço público.

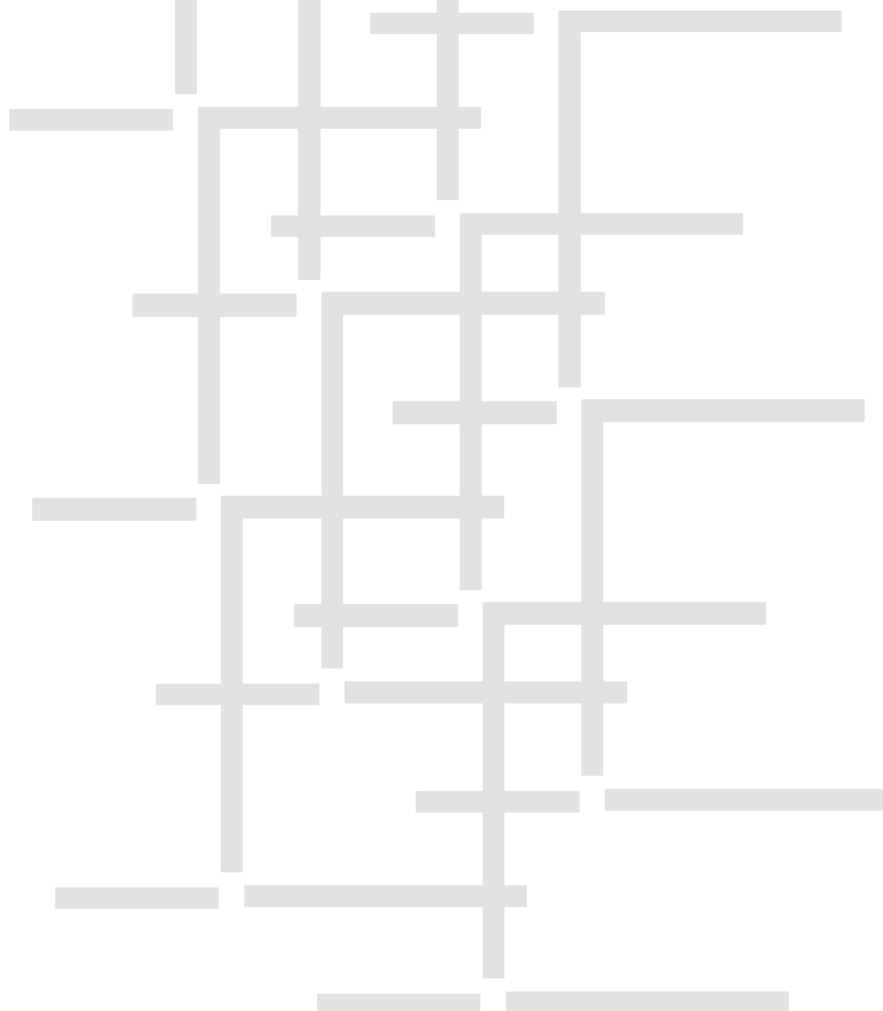
Essa opção pode parecer estranha numa disciplina que traz o espaço público como subtítulo, mas a postura assumida perante o termo é a da experimentação corporal dos espaços urbanos, da rua como morada do outro. A experimentação é colocada como instrumento empírico de constatação e construção do que podemos chamar de público. O que se propõe é uma prática pedagógica mais lenta que vai oscilando, portanto, entre debates em sala e experiências empíricas, com encontros semanais que agenciam nos estudantes uma construção crítica sobre leituras e apropriações espaciais do ser humano habitante das cidades.

Dos debates sobre os conceitos de “o outro” e “alteridade”, a partir do filme *El Hombre de al lado* de Gastón Duprat (2011), segue-se para percepções empíricas, apoiadas em registros fotográficos, ao percorrer as diversas configurações espaciais coletivas do centro histórico de São Paulo. Dos questionamentos de Maria Rita Kehl para os olhares nos olhos dos outros e a busca de “cópias urbanas” (contaminados por Francis Alÿs e a obra “Doppelganger”). Dos diálogos mudos com as paredes da cidade resgata-se palavras para recompor hinos e elogios cantados à cidade de São Paulo (numa construção-colagem “POEMACIDADE” apropriada de Jorge Macchi e Arnaldo Antunes). Das discussões sobre o cotidiano e a passagem do tempo como

formadores dos espaços da vida urbana, parte-se para um exercício prático e experimental, baseado na *Tentativa de esgotamento de um local parisiense* de Georges Perec (2016), pelas esquinas da avenida Paulista em um dia qualquer.

Das calorosas discussões sobre as possibilidades de ocupação e apropriação dos espaços coletivos (via reivindicação de espaços abandonados ou segregação e privatização temporária dos espaços), parte-se para um exercício especulativo de intervenção e ocupação efêmeras em locais peculiares da cidade, normalmente associados aos registros fotográficos realizados no PI 1 (escadões, vielas, marquises, calçadas etc.).

Esse exercício final se configura como um momento síntese em que todos os conceitos discutidos são tensionados e “estressados” empiricamente pelos estudantes. Ao propor e executar no local escolhido uma intervenção efêmera coloca-se em questão, as noções de alteridade, cotidiano, tempo, uso ou consumo do espaço etc.





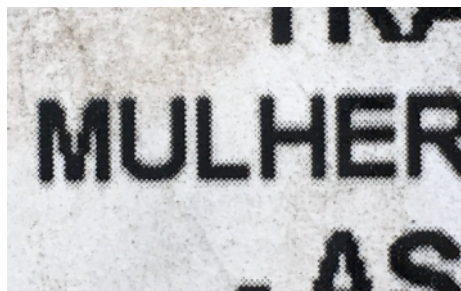


Figura 7: Fotografia de palavra da rua com fragmento da letra da música "Esboço" de Luiz Tatit. Grupo Bruna Sampaio, Jade Hardt, Laura Toledo e Marcos Rangel.

Figura 8: Levantamento de frequentadores da Ladeira da Memória (Anônimos 3x4) produzido pela aluna Joyce Cavalcante.

Figura 9: Experiência referenciada em Georges Perec e Peter Funch (Olhos Baixos Cotidianos) produzido pelas alunas Catharine Luize, Jessica Pelegrinelle, Lorena Souza e Mariana Mosca.

### PI 3 - Projeto Integrador III: MetrÓpole - Leituras Urbanas

Terceira parte e disciplina que encerra a trilogia "PI Cidade", o PI 3, que tem como subtítulo "Leituras Urbanas", é o momento de provocar os estudantes, após (re)conhecerem e adentrarem a cidade, simbólica e corporeamente, a elaborarem

narrativas urbanas, narrativas fruto de uma incorporação da cidade. Após o movimento pendular em PI 1 e PI 2 (reflexão e experimentação, respectivamente), este PI 3 condensa tal movimento dentro da própria disciplina. Refletir e experimentar, pensar e agir, ler e escrever. Narrar. Um campo propositadamente intenso de práticas pedagógicas que se preocupa com a apreensão e compreensão do espaço urbano intimamente ligadas à presença e participação do corpo dos estudantes. Corpos<sup>5</sup> distanciados das experiências urbanas, das leituras urbanas.

Por isso, o objetivo da disciplina é cristalino: “Promover a investigação urbana por meio da abordagem de textos e experiências relativos à leitura da metrópole como fenômeno expressivo das alterações no espaço construído e suas consequências na vida cotidiana.” (Ementa da disciplina). Mas, quando se pensa em “Leituras Urbanas”, o mecanismo tradicionalmente relacionado a essa atividade é a análise<sup>6</sup> do território urbano concretizada na forma de um “diagnóstico”, método “baseado majoritariamente em bases de dados estatísticos, objetivos e genéricos” (JACQUES, 2012, p. 34).

Essa prática pressupõe que a cidade é um organismo vivo que está doente e precisa de um diagnóstico para ser tratada de forma eficiente. O diagnóstico tradicional é visto como uma análise prévia ao planejamento ou ao projeto urbano, e não já como parte deste, o que pode ser consequência do lema *Survey before the plan*, de Patrick Gueddes, um dos pioneiros a tratar do tema em *Cities in evolution*, de 1915. A análise diagnóstica se distanciou cada vez mais do planejamento, do projeto urbano e da própria ideia de Gueddes, extremamente complexa, de valorização da observação da cidade existente, com a criação dos primeiros observatórios de cidades e com as suas fantásticas exposições itinerantes de cidades (JACQUES, 2012, p. 309-310).

Ou seja, a cidade é observada, vista, lida de cima e de fora, a partir de mapas e tabelas cheios de números e cores, com informações filtradas e esterilizadas de quaisquer experiência concreta do corpo. O diagnóstico constrói uma imagem idealizada (apesar de revelar muitos dos “problemas”) da cidade, muito distante dos espaços praticados concretos da realidade (CERTEAU, 1994).

O que se estabelece, então, no PI 3 é um campo de contrapartida a essa forma objetiva e acelerada (mesmo demorada) de ler a cidade. A proposta é apresentar um caminho alternativo a esse processo hegemônico, anestesiador e pacificador dos dissensos típicos da presença do corpo que é empreendido pela estratégia diagnóstica do urbanismo contemporâneo, tão preocupado com a transformação da cidade em algo inteligente, eficiente, espetacular, veloz, como um produto e uma marca.

O que se quer é indicar o caminhar como um instrumento estético capaz de descrever e modificar os espaços

<sup>5</sup> O “corpo”, aqui, é compreendido a partir de leituras fenomenológicas de Heidegger e Norberg-Schulz e de reflexões empreendidas pelos professores/pesquisadores Francesco Careri e Paola Berenstein Jacques.

<sup>6</sup> Mecanismo que os estudantes começam a se familiarizar através da disciplina de Desenho Urbano, linha formativa inaugurada neste momento do curso (3º período).

metropolitanos que muitas vezes apresentam uma natureza que ainda deve ser compreendida e preenchida de significados, antes que projetada e preenchida de coisas (CARERI, 2013, p. 32).

Para isso, assume-se a questão trazida por Paola Berenstein Jacques (2012, p. 307-309), em seu livro *Elogio aos errantes*, ao formular o “errante urbano”, o “urbanismo incorporado” e a “errantologia” como maneiras possíveis de encarar as leituras urbanas.

Ao vislumbrar as possibilidades e a potência de uma errantologia, poderíamos até mesmo pensar na figura de um urbanista errante, que se inspiraria em outros errantes urbanos e, em particular, em suas experiências narradas. Como vimos, essas pequenas narrativas errantes funcionam como um tipo de contraprodução de subjetividades, que embaralha um pouco algumas certezas, preconceitos e estereótipos de pensamento urbanístico. A experiência errática da cidade, como possibilidade de experiência de alteridade urbana e as narrativas errantes, como sua forma de transmissão, podem, como já sugerimos, ser uma potente ferramenta de apreensão da cidade, mas também de ação urbana, na medida em que, ao tornar o lugar praticado, possibilita microrresistências dissensuais, capazes tanto de atuar na desestabilização de partilhas hegemônicas e homogêneas do sensível e das atuais configurações anestesiadas dos desejos, quanto de apontar para a prática de um urbanismo incorporado, que se insinua através da possibilidade de constituir uma outra forma de apreensão urbana, e, assim, um outro tipo de produção de subjetividade e de desejos, levando a uma reinvenção mais lúdica, sensorial e apaixonada das cidades.

Contra o urbanismo espetacular hoje hegemônico, poderíamos pensar, a partir da ideia de incorporação, em uma prática mais incorporada do urbanismo, que consideraria as relações inevitáveis entre corpo e cidade, e cujo foco incorporaria também a carne, além da pedra e, principalmente, um engendramento entre ambas. A apreensão e compreensão da cidade pelos urbanistas errantes, ‘errantólogos’, tentaria ir além das cartografias censitárias, quantitativas e estatísticas, para seguir os passos e as práticas dos errantes urbanos, esses amantes encarnados das cidades, através de suas micronarrativas. Buscaria, assim, outras cartografias das experiências de alteridade corporais e mnemônicas, das práticas dos percursos, com suas táticas e ações, dos desejos e sensações que movem as construções de subjetividade. A apreensão e compreensão da cidade seriam então mais qualitativas, subjetivas, sensíveis, obviamente, mais corporais e incorporadas. O provocar e valorizar a experiência da alteridade na cidade, através da prática de errâncias – desorientadas, lentas e incorporadas, microdesvios da lógica espetacular dominante – e, sobretudo, das narrativas errantes (micronarrativas) e das cartografias corporificadas (corpografias) delas resultantes, pensadas como potências transformadoras, poderia nos ensinar, a nós, urbanistas e amantes das cidades, outra forma de apreensão e de compreensão urbanas, que buscaria instaurar um processo de incorporação – incorporação do corpo na cidade e da cidade no corpo – o que efetivamente nos levaria a uma reflexão e a uma prática mais incorporada do urbanismo, ou seja, a um urbanismo incorporado.



O livro, lançado no momento exato da formulação dessa disciplina, serviu, e ainda serve, como estrutura fundamental e acompanhante durante as caminhadas teóricas com os estudantes. Caminhadas que se iniciaram durante o PI 1, mesmo que de forma indireta, quase clandestina, e continuaram durante o PI 2.

As práticas de experiências errantes apresentadas pela professora Paola coincidiam muito bem com as questões estruturadoras daquela alternativa subjetiva e corporal pretendida para as leituras urbanas. Resgatar os errantes elogiados por ela funcionou muito bem para apresentar aos estudantes algumas maneiras de constituir narrativas urbanas coerentes com as discussões iniciadas há um ano, no início da trilogia “PI Cidade”.

A partir dessas questões fundamentais, a disciplina foi organizada em três momentos: os paradigmas para a leitura urbana, as experiências de leitura urbana e a reflexão (narrativas) sobre as leituras urbanas. A cada uma delas, novos elementos conceituais são acrescentados, estabelecendo aquele movimento pendular mencionado anteriormente.

No primeiro momento são apresentados e discutidos alguns exemplos conceituais que servirão para modelar o corpo anestesiado dos estudantes. Os paradigmas discutidos dão corpo e sentido ao discurso experimental que virá na sequência. É preciso estar com o corpo atento, preparado conceitualmente, para ir à cidade e incorporá-la. Vários autores são apresentados e deles tomados alguns conceitos e explicações para se tornarem os ditos paradigmas. Para exemplificar tais dinâmicas, são apresentados ainda alguns artistas-antropofágicos e suas obras nas quais se percebem possíveis aplicações dos paradigmas.

Tendo como resultado o corpo do estudante abalado e questionado, o segundo momento da disciplina provoca e solicita a experimentação de leituras urbanas desorientadas, lentas e incorporadas. A primeira experiência corporal do espaço urbano é a territorialidade, na qual os estudantes se colocam imóveis, durante um determinado tempo, numa área movimentada do centro da cidade de São Paulo. Ficam lá, estáticos, vendo o tempo e a cidade passar. Percebendo e sendo percebidos.

Com essa experiência, cada grupo de estudantes recebe a incumbência de construir narrativas urbanas, via leituras propostas pelos “errantes de Paola”, de uma determinada área da cidade, mais tarde estabelecidas como os conhecidos arquipélagos situacionistas (Naked City, 1957, de Guy Debord). São flanagens, perambulações e derivações pelas ruas da região central de São Paulo. São leituras urbanas subjetivas, agenciadas por incorporações momentâneas de personas urbanas que condicionam ações lúdicas de: coleta e coleção de trapos urbanos (Caixa de Trapos), como O Trapeiro; a perambulação e o levantamento psicogeográfico do espaço e do tempo urbanos (Mapas psicogeográficos), como O Etnógrafo; e o enfrentamento lúdico às espetacularizações urbanas nos jogos e situações construídas (Deriva), como O Jogador. Leituras que são entendidas também como ação de elaboração dos espaços urbanos. Ao percorrer a cidade, o estudante lê e escreve o território percorrido (CARERI, 2013). Experiências de narrativas urbanas.

Narrativas urbanas ou, como prefere a professora Paola Jacques, micronarrativas (JACQUES, 2012, p. 20) são registradas e ilustradas livremente em um caderno artesanal, batizado de “quadradão” (30 x 30 cm), o qual é compartilhado, apresentado

e debatido no terceiro, e final, momento da disciplina, como instante de reflexão (metaforicamente anunciado para os estudantes como um “olhar-se no espelho”).

Ao final do PI 3, particularmente, e do “PI Cidade”, como a grande disciplina, o estudante coloca-se perante todo o restante da turma e lê em voz alta um pequeno texto (média de 400 palavras) em que reflete(-se) sobre todas as experiências vividas perante a cidade, desde o PI 1 até aquele instante. Vê-se, perante a turma, como um corpo incorporado de cidade. Além disso, vê-se uma cidade incorporada.



Figura 10: Caderno “Quadrado” das alunas Camila Campos, Jessica Pelegrinelle, Leticia Falco, Lorena Souza, Michelle Kamijo e Tatiana Moschetta.

Figura 11: Página do “Quadrado” - Caixa de Trapos.

Figura 12: Página do “Quadrado” - Mapa Psicogeográfico.

Figura 13: Página do “Quadrado” - Mapa Psicogeográfico.

Figura 14: Página do “Quadrado” - Etnografia Urbana.

Figura 15: Página do “Quadrado” - Poemarua.



Figura 16: Mapa Psicogeográfico do Arquipélago Paulistano montado na parede da sala de aula. Turma do semestre 2014-01.

## FIM?

Apesar de várias turmas já terem passado por esse processo tripartido, e as aulas já se converterem em “tradições” do curso de Arquitetura do Centro Universitário Senac, pouquíssimo se pode concluir dessas práticas pedagógicas que têm, quase que simultaneamente, o Trapeiro como aura e rastro.

Percebe-se um amadurecimento sensível em cada um dos estudantes que assumiram as propostas<sup>7</sup> dos PI's. Percebe-se ainda, uma preocupação e atenção ao corpo nos exercícios de Projeto, tanto os arquitetônicos (PA's) quanto os urbanos (DU's). Percebe-se uma alegria na lentidão, nas pequenas ações, nas diferenças. Percebe-se também, um engajamento em discussões conceituais e reflexivas.

Mas essas percepções são traiçoeiras, pois quem as nota está buscando percebê-las, e desejando-as. Além disso, muito pouco se conhece desses estudantes antes de iniciarem o curso, então seria muita pretensão condicionar todas essas mudanças exclusivamente à passagem pelas experiências propostas. Sem contar que esses estudantes não se dedicam unicamente aos PI's, pois são várias disciplinas concomitantes no semestre letivo.

O que poderíamos avaliar é a atuação desses estudantes perante a cidade. Mas teríamos de esperar algumas décadas para constatar se esses indivíduos que passaram pelas experiências de leituras urbanas errantes (JACQUES, 2012) abririam caminhos na produção dos espaços urbanos para a execução e implementação de um urbanismo incorporado. Tempo. O que fica é o desejo e a semente.

7 Grande parte das práticas pedagógicas apresentadas e seus resultados podem ser vistos no projeto de documentação dos trabalhos dos alunos, agrupados na página EMENUC (Experiências metodológicas e narrativas urbanas corporais), criada pelos estudantes Vitória Lacerda de Sousa Queiroz, Beatriz Prete Ramos, Jéssica Pelegrinelle Alves, Henrique Florentino Reis e Sabrina Ramos Silva, todos do programa de monitoria do Centro Universitário Senac. Disponível em: < <http://www.emenuc.tumblr.com/>>. Acesso em: 18 maio 2018.

## REFERÊNCIAS

- BUCCI, A. São Paulo, razões de arquitetura: da dissolução dos edifícios e de como atravessar paredes. São Paulo: Romano Guerra, 2010.
- CACCIARI, M. A cidade. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.
- CARERI, F. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DAMATTA, R. O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GRUPO DE TRABALHO PARA REVISÃO DE PROJETO PEDAGÓGICO. Projeto Político-Pedagógico do curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo (Presencial). Documento não publicado, Centro Universitário Senac, São Paulo: Consepe, 2015.
- HEIDEGGER, M. Ser e tempo. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- JACOBS, J. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- JACQUES, P. B. Elogio aos errantes. Salvador: EDUFBA, 2012.
- MEDIANERAS: Buenos Aires na era do amor virtual. Direção: Gustavo Taretto, Produção: Natacha Cervi. Buenos aires (AR): Rizoma films, 2011, 1 DVD.
- NINA. Direção: Heitor Dhalia, Produção: Caio Gullane. São Paulo (BR): Gullane Filmes, 2004, 1 DVD.
- NORBERG-SCHULZ, C. Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture. Nova Iorque: Rizolli, 1979.
- ROLNIK, R. O que é cidade. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- ROWE, C.; KOETTER, F. Collage City. Londres: The MIT Press, 1978.
- SENNETT, R. Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SILVA, R. L. Elogios à inutilidade: a incorporação do Trapeiro como possibilidade de apropriação e leitura da Cidade e sua alteridade urbana. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.
- SITTE, C. *A construção das cidades segundo seus princípios artísticos*. São Paulo: Ática, 1992.